

Entrevista



“O cenário social na Grande Florianópolis mudou”

Anderson Giovani Silva

Catarinense de Rio do Sul, o psicólogo Anderson Giovani Silva está na Gerência Executiva do Instituto Comunitário da Grande Florianópolis (Icom) desde 2007. O Icom é uma fundação comunitária que presta serviços de assessoria a organizações da sociedade em diversas áreas, como na gestão, jurídica, financeira, marketing e comunicação. Também administra fundos de investimento social e participa de movimentos em prol do desenvolvimento sustentável e em apoio à inovação social. Anderson tem colocado sua experiência no campo social adquirida desde os tempos de escoteiro e da organização Associação Escola Oficina da Vida, que fundou em 2003. Também emprega seus conhecimentos de mestrado em Investimento Social (Filantropia e Empreendedorismo Social) concluído na Itália. O Icom completou 10 anos em 2015 e a data marcará também a saída de Anderson do comando da instituição.

Caminho Aberto *O Icom foi criado para atender às necessidades dos organizações da sociedade civil da Grande Florianópolis, que sentiam a falta de um norteador de suas ações. As fundações comunitárias têm esse papel e para isso quais são as suas principais características?*

Anderson Giovani Silva São quatro as características que definem uma fundação comunitária. Ter um território definido; o seu financiamento necessariamente deve vir de fontes diversas; deve dar apoio técnico e financeiro a outras organizações para sua gestão, não financiar diretamente seus projetos ou seus beneficiados; e por último ter a sua governança formada por pessoas que são da comunidade e de várias áreas distintas. O Icom conta hoje com 30 conselheiros, tendo representantes na academia, empresários, imprensa, líderes comunitários, poder público etc.

Caminho Aberto *E como é feita a escolha desses conselheiros e quais as suas funções no Icom?*

Anderson Giovani Silva Começaram indicados. Primeiro foram 18, inicialmente, na fundação do Icom, formados por pessoas que podiam emprestar a sua reputação para alavancar a organização que estava recém formada. Pessoas com reputação na sociedade, para dar peso à organização. Agora são 30 pessoas, e o conselho atual se reúne e define quais são os setores da sociedade que precisam de mais representação e, assim, indica nomes. Na última reforma, ano passado, decidiu-se alguns critérios para a composição do conselho, como igualdade de número entre homens e mulheres, obrigatoriedade de representantes negros, e um maior número de jovens. São eles que tomam as decisões estratégicas do instituto. Ele se reúne uma vez por mês ordinariamente. Com base no Relatório Sinais Vitais, que o Instituto produz anualmente, são definidas as prioridades de ação.

Caminho Aberto ***O Icom completou 10 anos em novembro de 2015. Qual a avaliação você faz da primeira década de atuação da fundação?***

Anderson Giovani Silva O cenário social na Grande Florianópolis mudou. Entre 2014 e 2015, nós construímos um sistema de avaliação que selecionou 15 indicadores para chegar mais perto possível de medir o impacto do Icom na comunidade. É muito difícil identificar impacto no meio social, com relação custo x benefício. Eu não posso dizer que o campo social mudou por causa do Icom, mas tenho elementos para dizer que mudou, assim como muita coisa no país nos últimos 20 anos. A economia estabilizada, novas políticas sociais, as condições de vida melhoraram e conseqüentemente na Grande Florianópolis também. As organizações ficaram profissionalizadas e tem bons indicadores de que a gente influenciou nisso, mas não é justo atribuir causa e consequência para a nossa atuação. Temos hoje profissionais da área social mais bem preparados e com bom grau de confiança, e esse foi o nosso papel mais importante. Organizações mais fortalecidas no ponto de vista institucional. Hoje trabalhamos com cerca de 400 instituições e elas buscam recursos de um jeito diferente, conseguem falar mais e melhor da causa que representam e menos do que elas fazem. Conseguem ter participação em políticas públicas, negociam melhor com o governo. Enfim, dá pra dizer que tivemos um papel importante e isso a gente constata também na fala das pessoas com as quais trabalhamos.

Caminho Aberto ***E o principal ativo desse papel de importância do Icom seria a organização do que antes era muito polarizado e independente?***

Anderson Giovani Silva São dois pontos. Esse é um, o desenvolvimento institucional das organizações, sem dúvida. Nós não estamos mais preocupados com os projetos delas, mas como elas estão fortalecidas como unidades, como canais de participação do cidadão. Qual a identidade, de onde ela veio, se ela é transparente, como ela faz a gestão, como ela mobiliza recursos, se participa de conselhos. Isso nós trabalhamos muito duro com elas. O outro ponto é como se trabalha em relação a outras organizações e delas com seus agentes, os apoiadores. Com isso conseguimos trabalhar com várias da mesma área ao mesmo tempo. Um exemplo: vamos chamar as organizações que atuam com o bem estar animal e com elas discutimos a melhor forma de trabalhar o tema e a melhor forma de usar os investimentos sociais. Nós vamos atrás deles e conversamos, fazemos as perguntas difíceis, e com isso mostramos quem são os principais operadores dessa causa e assim eles escolhem onde investir.

Caminho Aberto ***Essa era uma necessidade sentida também pelos apoiadores sociais?***

Anderson Giovani Silva Sim, principalmente com o investidor pessoa física. Há pessoas que colocam 200 mil reais por ano em projetos. Aí chegávamos nessa pessoa no final do ano e perguntávamos o que ela achou do investimento, no que ele resultou, e ela não consegue responder. E aí vem a frustração. Ela deu um pouco para um projeto aqui, outro ali, financiou um livro, um filme, mas ela não consegue mensurar um impacto disso. Então nós passamos a mostrar que elas podem fazer esse investimento via Icom. Nós temos uma conta corrente aqui, onde ela coloca o recurso e nós fazemos a administração dele. Como isso, conseguimos entregar um relatório mensal com os resultados dos projetos que ela financiou.

Caminho Aberto ***E é fácil conseguir esses apoiadores na Grande Florianópolis?***

Anderson Giovani Silva As pessoas doam melhor hoje, embora doem cerca de três vezes menos do que a média nacional. É um traço cultural daqui. E quem doa, em 70% dos casos, doa coisas e não dinheiro. Doa um ar-condicionado, um microondas para uma ONG. E aí se você pergunta por que não doar dinheiro a resposta em muitas vezes é “por que aí você vai usar para pagar salário”. Existe um pensamento coletivo de que quem trabalha em ONG é voluntário, o que não é verdade. Há quem decida ser um profissional do campo social, ser um executivo de uma organização que trabalha com projeto sociais. O campo social não é produto, é serviço, e serviço é feito por pessoas. Fica difícil cobrar um serviço de qualidade sem pagar por ele. E isso é um traço cultural da Grande Florianópolis, inclusive em outros setores: as pessoas que têm condições não querem pagar por serviços em geral, mas pagam por produto.

Caminho Aberto Mudar isso teria um impacto grande na busca por recursos?

Anderson Giovani Silva Também. Mas é uma série de coisas. A cultura é uma delas, com certeza. Mas o campo social é pouco preparado, isso dificulta para as pessoas confiarem nele. O papel político das instituições se perdeu nos últimos anos. Nós somos um prestador de serviços, sem dúvidas. Mas é um serviço por causa de algo. Dos anos 80 até 2005 o número de organizações subiu vertiginosamente. De 2005 para cá, diminuiu a velocidade com a qual o número delas surgia, mas continuaram a ser criadas novas. Em 2015 havia mais 300 mil organizações da sociedade civil no Brasil. Ou seja, uma para cada 700 habitantes. São muitas, a maioria apenas CNPJ, outras as chamadas INGS (indivíduos não-governamentais), ou seja, nasceram muitas organizações não para prestar serviços, mas por que tinham um projeto. Aí a ONG nasce, executa aquele projeto e depois não tem finalidade. O correto seria levar aquele projeto para uma organização existente que tem a mesma causa.

Caminho Aberto Em 2011 surge o Cais (Centro de Apoio à Inovação Social), que presta assessoria em diversas áreas para as organizações. Como surgiu a necessidade de criar um espaço desses?

Anderson Giovani Silva Em 2007, nós começamos um programa chamado “Fortalecer” que visava o fortalecimento das organizações sociais. Em 2008 surge a CPI da ONGs e houve a preocupação em ficarem estereotipadas negativamente. Então, as organizações que faziam parte do Fortalecer (32 no total) decidiram criar algo que aproximasse elas da comunidade. Após alguns meses de conversa surgiu a ideia de ter um portal chamado Portal Transparência, que está no ar até hoje, e é um canal de prestação de contas com a sociedade. Nas eleições municipais de 2008 surgiu uma agenda do terceiro setor para o governo e uma das ideias foi a criação de um espaço de uso comum das organizações de Florianópolis. Infelizmente, o único candidato que não nos recebeu para conversar sobre o projeto foi o que acabou vencendo as eleições. Porém, em 2009, começamos a conversar com a IAF (Inter-american Foundation) e negociamos o projeto de ter esse espaço. Em 2011 foi aprovado o projeto e até hoje é o maior projeto da IAF em operação no Brasil. Eles patrocinaram 300 mil dólares e o Icom entrou com 1,4 milhão.

Caminho Aberto Assim como para a IAF, o Cais é o maior projeto do Icom nesses 10 anos?

Anderson Giovani Silva Sim. Eu destacaria que foi a nossa principal iniciativa. Primeiro que não foi uma ideia nossa. Foi fruto de um amadurecimento das organizações, uma demanda que eles queriam. Para o Icom foi importante por que ele consolida o serviço que já prestávamos. Nós já dávamos essa assessoria às organizações, elas já usavam as nossas instalações quando era preciso. Mas nada como ter um espaço exclusivo para isso. Foi a materialização de um trabalho em comunidade.

Caminho Aberto Dentre os serviços oferecidos no Cais (Gestão, Comunicação e Marketing, Contabilidade, Jurídico), em qual as organizações têm mais dificuldade?

Anderson Giovani Silva A queixa principal é na mobilização de recursos. Mas não vejo isso como um problema. Para mobilizar recursos, a organização precisa de identidade. As pessoas têm que saber a diferença entre fundação e associação, têm que saber quem compõe o conselho dessa organização. Muitas vezes o projeto é encabeçado por uma pessoa e a organização em si é ela e o cônjuge. Ou seja, a causa é boa, as pessoas são corretas, mas elas não decidiram dividir essa causa com outras pessoas interessadas. O Icom está há 10 anos atuando por que temos um conselho com 30 pessoas. A cada quatro anos é formada a diretoria, enfim, há o senso de comunidade. A principal dificuldade seria as instituições se entenderem como causa. Como falei antes, o campo social virou um lugar onde se presta serviço. Aí o sujeito cria uma ONG para tocar um projeto do qual ele recebeu recurso. Aí passa um ano, encerra o projeto, não tem mais dinheiro e a ONG fecha. Ou seja, por que criar toda uma estrutura jurídica para executar um projeto? Criar uma organização é algo muito sério e esse problema de gestão é o que mais vemos aqui. Nas assessorias que prestamos nós “matamos” muitas instituições, exatamente mostrando para essa pessoa essas variáveis. Indicamos que peguem o projeto e o apliquem em uma instituição já existente.

Caminho Aberto ***Um dos projetos de maior destaque do Icom, e que tem um resultado mais concreto, é o Floripa Te Quero Bem, que inclusive foi incluído como emenda à Lei Orgânica do Município. Como se deu esse processo?***

Anderson Giovani Silva Ele foi um movimento super interessante e, de novo, ele não foi criado pelo Icom. Houve uma entrevista do Guga onde ele disse que estava infeliz com a cidade e isso gerou uma grande repercussão. Com isso a RBS nos procurou para fazer alguma coisa relacionada à cidade, até por que era época de eleição. Eles queriam uma campanha da emissora, de mídia, e nós sugerimos que não fizessem isso, porque na nossa visão a campanha tem um tempo de ação e depois ela termina. Sugerimos a integração de outros atores da comunidade para fazer disso um movimento. Fomos buscar metodologias para isso acontecer e como já tínhamos o relatório Sinais Vitais, que apresenta os indicadores para o crescimento sustentável, fizemos uma discussão profunda no Icom. A partir disso vimos que era impossível apresentarmos soluções, pois somos uma organização com conselheiros de diversas áreas e as propostas para soluções na cidade eram muito variadas. Então, vimos que era melhor apresentar desafios para a cidade e isso seria debatido e solucionado na esfera do poder público, como a prefeitura, empresas públicas e núcleos de interesse em determinado assunto. O importante do Movimento Floripa Te Quero Bem foi conseguir mostrar que um grupo de desafios tecnicamente bem fundamentados pode servir para pautar ações do governo e da sociedade civil. Após muitas discussões chegamos ao número de 19 desafios cruciais para a cidade. Novamente era ano de eleição municipal e conversamos com os candidatos conseguindo o compromisso de todos em fazer um plano de metas que lidasse com esses desafios. E de fato eram desafios reais e que eram possíveis de serem realizados. Assim, nós importamos a ideia que já havia em São Paulo, de colocar na Lei Orgânica do Município, e com isso em mãos fomos para a Câmara de Vereadores para fazer essa inclusão. Foi ótimo porque foi uma iniciativa que aproximou a sociedade civil do poder público de um jeito tecnicamente qualificado. O movimento ainda existe e continua exercendo a sua função de cobrança quanto ao planos de metas da prefeitura.

Caminho Aberto ***Cerca de 60% do orçamento do Icom é captado via empresas. Isso de alguma forma influencia no trabalho do instituto?***

Anderson Giovani Silva De maneira nenhuma. Primeiro que é muito difícil uma empresa doar. Aqui em Florianópolis quem doa é a pessoa e ela usa o nome da empresa. A maioria das empresas daqui é formada por famílias, então ela não doa por estratégia empresarial. Até as grandes empresas que têm valores colocados no nosso relatório o fizeram por incentivo fiscal. Não é um investimento social, esse valor geralmente veio diretamente para algum projeto ou instituição em especial. Numa fundação comunitária, como o Icom, nós gerenciamos os recursos para alocação da forma como esse investidor social precisa. Então, além de ajudar as organizações, ajudamos o investidor social. Nós fazemos essa ponte entre o objetivo do doador e o melhor para a comunidade ou instituição que ele deseja ajudar. Ou seja, o Icom não vai tocar o projeto. Ele vai, por meio do plano de ação criado, doar o dinheiro investido para a instituição que executa o projeto fazer da melhor forma. Inclusive o conselho do Icom tem a liberdade de vetar a participação em um fundo de investimento social se não concordar com as políticas da empresa ou for um assunto delicado e que vá de encontro aos objetivos do Icom.

Caminho Aberto ***Além desse apoio a instituições, o Icom trabalha muito forte com a inovação social e isso seria o maior link com o IFSC. Como é o apoio do Icom para iniciativas de inovação social?***

Anderson Giovani Silva A inovação social é inerente à história do Icom. A nossa formação é uma forma de inovação social. Com o Cais começamos a falar mais sobre isso e criar esse conceito. Nós fizemos um evento, o TIG, em 2010, para lançar o Portal Transparência, um projeto nosso também de inovação social, e fomos estudar muito sobre tecnologia para mudança social. Então, chegamos em um conceito de social good, que já estava em andamento pelas Nações Unidas, e fomos atrás para entender melhor sobre isso. Voltamos para o Brasil com ideia de realizar o Social Good Brasil. Aí começamos a trazer a comunidade que estávamos reunindo em torno da inovação social para identificar aquele grupo de pessoas que o Icom não estava trabalhando e que nós chamamos de agente livre, que é um indivíduo que está no campo social

e quer fazer algo legal, mas não quer necessariamente fazer parte do coletivo, entrar numa ONG, ele quer desenvolver alguma coisa. As ferramentas tecnológicas dão essa possibilidade a ele. A Isadora Faber (criadora da Fanpage Diário de Classe) é um indivíduo que pode fazer uma grande diferença. E esse perfil nós não estávamos atendendo e começamos a notá-los na comunidade. Outro ponto chave era que os diagnósticos do Icom mostravam que as ONGs tinham que mudar a forma como trabalhavam e que se não mudassem, elas iriam acabar. E esse movimento em busca de transformação levou a um momento do campo social onde a inovação social passou a ser “sexy”, ficou na moda. Então havia muito recurso disponível para boas ideias na área da tecnologia com ferramenta de inovação social. Fomos para cima desses recursos e começamos a investir nesse programa Social Good Brasil.

Caminho Aberto ***E o Social Good Brasil virou algo independente?***

Anderson Giovani Silva O Social Good virou algo muito importante. Estava aqui, incubado no Icom, usando muita infraestrutura, muita gente trabalhando, e o conselho começou a discutir quanto a sua identidade. Foi questionado que nós não somos uma organização para promover o uso da tecnologia e visto que em 2014 cerca de 80% do nosso orçamento foi utilizado para a promoção do Social Good Brasil. Ou seja, ficou algo muito grande dentro do Icom e achamos melhor desmembrá-lo. Com isso, virou uma organização independente, com a sua diretoria, e que lida com projetos e pessoas que buscam a inovação social via tecnologia.

Caminho Aberto ***E como ficou o apoio do Icom para a novas ideias de Inovação Social no Cais?***

Anderson Giovani Silva A pessoa chega aqui com uma ideia inovadora e nós a orientamos sobre o status do campo social nesse sentido, na área onde se encaixa essa ideia. São diversas dúvidas que surgem. Por exemplo, temos um casal que trabalha com uma malharia que queria fazer um projeto onde a cada camiseta vendida é doado um chinelo. Eles vêm aqui para esclarecer como vão declarar o produto, se sai como custo operacional ou doação, se vão emitir nota fiscal junto ao produto, se seria melhor criar uma associação para fazer este tipo de serviço. Então, temos que ter cuidado para não desviar a nossa identidade, para não usar o capital social para ajudar empresas. Com isso definimos que iremos ajudar aquelas empresas cujo lucro é distribuído. Ou seja, se esse casal vende a empresa daqui a dois anos, para quem vai o dinheiro? Se é para o casal, não é um negócio social para o Icom, pois nós não medimos o negócio social pelo o que a empresa faz, mas quanto a sua distribuição de lucros. Se é uma empresa em cujo contrato social consta que 5% da renda vai para o empreendedor e os outros 95% são reinvestidos, isso é um negócio social e é o nosso metiê. Se uma empresa quiser construir um fundo de investimento e colocá-lo em empresas com ideias de inovação social, nós vamos fazer isso. Mas não temos a competência para orientar empresas que geram lucros para seus proprietários.

Caminho Aberto ***Isso decepciona às vezes os interessados?***

Anderson Giovani Silva Sim. Temos que dar as más notícias em muitas vezes. Esse casal do chinelo tinha muitas dúvidas e alguém precisava esclarecer para eles. Já tivemos ONGs que vieram super empolgadas aqui dizendo que queriam abrir uma padaria para complementar o orçamento e nós tivemos que dizer a eles que não era uma boa ideia. Não é fácil abrir uma padaria e ganhar dinheiro com isso. Se fosse, teríamos uma em cada esquina. Como vender camiseta também não é fácil. Então é nosso papel dizer às organizações que não criem braços comerciais, que isso não vai gerar receita. E tem muita gente dentro do campo social que não reflete muito na hora de escrever um livro, por exemplo. A pessoa publica o exemplo de um case de sucesso de um projeto que gera “x” de lucro por mês, só que não olha todo o projeto que está por trás e tudo o que foi gasto até o projeto dar esse lucro de hoje. Aí o autor pega esse exemplo para afirmar que a inovação social é rentável e funciona. Então muitos inovadores chegam com esses exemplos para investidores sociais prometendo que aquela empresa de inovação vai gerar lucro e impacto social. Eu sou especialista nisso e não consigo mensurar para você o impacto social do Icom. Poderia muito bem dizer que aqui “a gente faz e acontece”,

mas, honestamente, eu só posso te dizer que temos uma experiência empírica de que de fato nós fazemos a diferença. Agora, em números não posso afirmar, pois as variáveis são tantas que não posso dizer que alterar uma ou duas causou impacto. E esse retorno de impacto social tem sido vendido no Brasil há muitos anos. Tem que ter muita calma.

Caminho Aberto ***E de que maneira o IFSC, como instituição de ensino, pode contribuir para a inovação social?***

Anderson Giovani Silva Eu acho muito legal o movimento da academia nos últimos anos em fazer a extensão colocar o pé na rua mesmo. Eu sinto que as extensões têm assumido compromissos de mais longo prazo com seus parceiros, de não só ações relacionadas ao semestre, ligados a um aluno específico que tem aquele período obrigatório para participar. Hoje se tem trabalhos mais concretos, por exemplo com a Udesc que tem um projeto de pesquisa chamado Politeia e que criou um observatório chamado Floripa Cidadã. Esse observatório está relacionado ao Floripa Te Quero Bem e outros movimentos, alimentando com informação, conteúdo e tudo mais. Nós temos o Douglas Juliani que começou a trabalhar a inovação social dentro do IFSC e a instituição abraçou porque entendeu a importância do trabalho e começou a identificar quem são os players dessa área e como estreitar esse relacionamento com o Icom. A construção do relacionamento entre a academia e o campo social é algo recente. Então o aluno vem aqui, começa a fazer atendimento com a organização envolvida no projeto, uma postura de escutar a organização e de fazer parte dela.

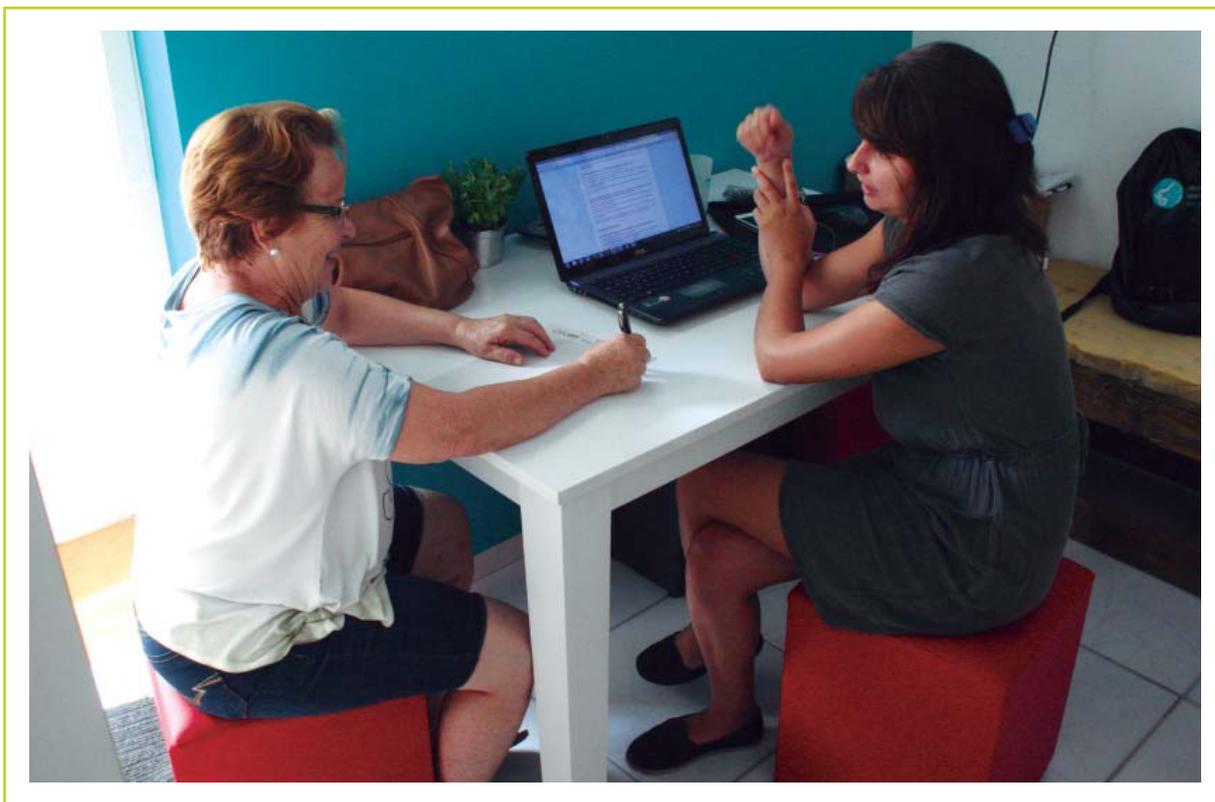
Caminho Aberto ***Mas essa aproximação se restringe apenas à extensão?***

Anderson Giovani Silva Não. Eu vejo professores muito engajados e isso é muito importante. Eles estão envolvidos em organizações da sociedade civil e estão vendo ali um campo de realização pessoal, uma oportunidade de construção de conhecimento e de lidar com causas importantes. Além do seu trabalho como professor, ele está vendo a oportunidade de criar coisas para ajudar organizações. Isso acontece lá no Social Good, onde criam-se ferramentas para sites ou aplicativos que vão ajudar na execução de algum projeto. Ainda, eles vêm aqui para buscar informações sobre o campo social naquela área em que estuda. A universidade ignorou o campo social por vários anos. Era um objeto de estudo, mas não de relacionamento. Hoje isso tem mudado.

Caminho Aberto ***E o papel do IFSC nessa aproximação tem sido de forma efetiva?***

Anderson Giovani Silva O IFSC participa do Movimento Nós Podemos. Apesar de parecer uma coisa simplória, ali é um momento de interlocução com a sociedade enorme. A predisposição do IFSC em fazer parte disso é um dos maiores ganhos que podemos ter nessa área. Agora tem os Objetivos do Desenvolvimento Sustentável (ODS) e toda a agenda estará em torno disso. É muito importante para dar um senso de unidade ao movimento. Existe competição, existe vaidade no campo social mas essa agenda dá a unidade necessária para o crescimento em conjunto. Nos ODS, com a amplitude de temas de trabalho, a chance de criarmos algo diferente e mais eficiente, mais sustentável e inovador socialmente é enorme. E com isso a relação de parceria se estreita, porque ali tem academia, poder público, ONGs. É um espaço de colaboração enorme do IFSC com todos esses agentes e conosco, com o Cais. Nada melhor do que contar com uma organização que tem tantos braços como o IFSC pelo estado todo. Se estabelecermos uma agenda conjunta de coisas inovadoras, imagina o quanto de resultado isso pode dar.

Entrevistador: Rafael Xavier dos Passos



Equipe Icom atendendo à comunidade



Anderson Giovanni Silva, Gerente Executivo do Instituto Comunitário da Grande Florianópolis (Icom)